

OS CAVALEIROS APOCALIPTICOS

Maria Aparecida de Andrade Almeida*

Resumo

O livro do Apocalipse faz referência a quatro cavaleiros, ou mais precisamente a quatro cavalos, pois são sempre os cavalos que aparecem em primeiro lugar. O cavaleiro só é anunciado depois. Os cavalos se diferenciam pelas cores (branco, vermelho-fogo, preto e esverdeado) e os cavaleiros pelo aspecto e pela ornamentação. Quem são estes cavalos e cavaleiros? O que eles anunciam? Quais os objetos e a natureza da sua conquista? Esse artigo pretende responder estas questões numa clara evidência bíblica.

Palavras-chave: Cavalo; cavaleiro; vitória; guerra; violência; fome.

Abstract

The book of Revelation does reference to four horsemen, or more precisely to four horses, for are always the horses that appear in first place. The horseman is only announced later. The horses differ from each other for the colors (white, red-fire, black and greenish) and the horsemen for the aspect and ornamentation. Who are those horses and horsemen? What do they announce? What are the objects and nature of their conquest? This article intends to answer these questions in clear biblical evidence.

Keywords: Horse; horseman; victory; war; violence; starvation.

A cena dos quatro cavalos foi construída hábil e livremente por João. Eles são convocados pelos quatro animais que circundam o trono de Deus e enviados à terra toda (6,1). As possíveis

*Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana de Taubaté, mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Integrante do Grupo Oracula de Pesquisa. Endereço eletrônico: mcidalmeida@hotmail.com.

referências e os detalhes não são todos claros para nós. Os primeiros quatro selos (6,1-8) tratam de quatro calamidades que assolam a terra. São representados por quatro cavalos (branco, vermelho-fogo, negro e esverdeado). A abertura desses selos respeita o mesmo quádruplo esquema: abertura do selo pelo Cordeiro; voz de comando de um dos quatro Seres Vivos; surgimento do cavalo; descrição do cavaleiro:

Vi quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos, e ouvi o primeiro dos quatro Seres Vivos dizer como estrondo dum trovão: “Vem!” Vi então aparecer um cavalo branco, cujo montador tinha um arco. Deram-lhe uma coroa e ele partiu, vencedor e para vencer ainda. Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo Ser vivo dizer: “Vem!” Apareceu então outro cavalo, vermelho, e ao seu montador foi concedido o poder de tirar a paz da terra, para que os homens se matassem entre si. Entregaram-lhe também uma grande espada. Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro Ser vivo dizer: “Vem!” Eis que apareceu um cavalo negro, cujo montador tinha na mão uma balança. Ouvi então uma voz, vinda do meio dos quatro Seres vivos, que dizia: “Um litro de trigo por um denário e três litros de cevada por um denário! Quanto ao óleo e o vinho, não causes prejuízo”. Quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto Ser Vivo que dizia: “Vem!” Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu montador chamava-se “a Morte” e o Hades o acompanhava. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para que exterminasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra (Ap 6,1-8).

A abertura dos primeiros quatro selos dá lugar a uma série de cenas rápidas e prementes, paralelas entre si tanto no plano dos elementos de composição como no plano do movimento. O Cordeiro abre os selos, um a um; os quatro Seres Vivos, em sucessão, dão uma ordem (“Vem”); um após o outro comparecem quatro cavalos de cores diferentes (branco, vermelho-fogo, negro e esverdeado); sobre cada cavalo senta-se um cavaleiro que se apresenta diferente dos outros pelo aspecto e ornamentação. Podemos então notar que o esquema das várias cenas, assim como certos elementos estruturais (voz dos seres vivos, cavalo, cavaleiro) permanecem fixos e constantes, enquanto variam alguns pormenores descritivos (a cor dos cavalos, o aspecto dos cavaleiros e seus emblemas).¹

Nosso texto inspira-se nas visões de Zacarias 1,8-10; 6,1-7 e Ezequiel 5,12; 14,21², que fornecem os elementos que alimentaram a presente visão:³

¹ CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 151.

² ARENS, E.; MATEOS M. Diaz. *O Apocalipse, a Força da Esperança: Estudo, Leitura e Comentário*. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 187-188.

³ Potin pensa que os flagelos desencadeados pelos primeiros selos provem das tradições judaicas relativas aos castigos que ameaçam os contraventores do Decálogo: para o 6º mandamento, a espada; para o sétimo, a peste/morte; para o oitavo, a fome; para o nono, muitas vezes as feras selvagens; para o décimo, a fome ou o cativo. Mas na ausência de um texto que contenha a mesma enumeração que Ap. 6, cabe perguntar se a semelhança enxergada não se impunha antecipadamente pela própria matéria: os castigos tradicionais sempre se parecem um pouco. Cf. POTIN, J. *La fête juive de la Pentecôte: études de textes liturgiques*. Vol. 1. Paris: Cerf 1971 (Coll. Lectio Divina 65), p. 96.

Eu tive uma visão durante a noite. Eis: Um homem montando um cavalo vermelho estava parado entre as murtas que havia num vale profundo; atrás dele estavam cavalos vermelhos, alazões e brancos. E eu disse: “Quem são eles, meu Senhor?” Disse-me o anjo que falava comigo: “Vou mostrar-te quem são eles!”. E o homem que estava entre as murtas respondeu: Estes são os que Iahweh enviou para percorrer a terra (Zc 1,8-10).

Levantei novamente os olhos e vi: Eis quatro carros que saíam dentre duas montanhas; e as montanhas eram montanhas de bronze. No primeiro carro havia cavalos vermelhos, no segundo carro cavalos pretos, no terceiro carro cavalos brancos e no quarto carro cavalos malhados vigorosos. E eu perguntei ao anjo que falava comigo: “Quem são eles, meu Senhor?” E o anjo respondeu-me: “Estes são os quatro ventos do céu, que saem, depois de terem estado diante do Senhor de toda a terra. Onde estão os cavalos pretos, saem para a terra do norte, os cavalos brancos saem atrás deles e os malhados saem para a terra do Sul”. Vigorosos eles saíam, impacientes por percorrem a terra. Ele disse: “Ide percorrer a terra”. E eles percorreram a terra. (Zc 6,1-7).

A terça parte dos teus habitantes morrerá pela peste e perecerá de fome no meio de ti; outra terça parte cairá à espada em torno de ti; finalmente, a outra terça parte a espalharei a todos os ventos e desembainharei a espada atrás deles (Ez 5,12).

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Do mesmo modo, ainda que eu envie a Jerusalém os meus quatro castigos terríveis, a saber, a espada, a fome, os animais ferozes e a peste, a fim de extirpar dela homens e animais (Ez 14,21).

No primeiro texto (Zc 1,8-10) aparece um homem (anjo) montando um cavalo vermelho, seguido de cavalos vermelhos, alazões (exatamente: vermelho-claros) e brancos. São os enviados de Deus. Eles voltam para prestar-lhe contas da sua inspeção terrestre: ainda reina a paz injusta imposta a Israel. É provável que o texto primitivo distinguisse quatro grupos de cavalos. O grego quer distingui-los correspondentes aos quatro pontos cardeais.

Em Zc 6,1-7 são quatro carros, atrelados respectivamente a cavalos vermelhos e pretos, brancos e malhados. Também aqui se trata de mensageiros de Deus enviados para percorrer a terra. A cada um deles é confiada uma das quatro direções do universo. São esses quatro flagelos que recebem na sua missão punitiva, autoridade cada um sobre um quarto da terra. Talvez se deva ver aí uma alusão a Ez 5,12, que profetiza a morte dos infiéis atingidos por um terço da peste, da fome e da espada, enquanto a tradução grega distingue quatro quartos.

Apesar da visão de João ser similar àquela de Zacarias, o assunto e os detalhes principais diferem em pelo menos cinco maneiras: primeiro, a profecia de Zacarias 6, 1-7 foi dada para compelir o

remanescente judaico a completar o Templo pós-exílico, mas em Ap 6, 1-8 sua função é retratar como será a futura tribulação; segundo, a visão noturna de Zacarias (1, 6) revela a ira de Deus com as nações “que estão tranqüilas”(1, 15) e sua intenção é restaurar Israel e o Templo (Zc1,7-17; 6,1-8), enquanto que os selos em Ap 6,1-8 apresentam a ira escatológica de Deus que cairá sobre toda a terra; terceiro, as cores dos cavalos em Zacarias (vermelho, marrom [canela], branco, preto, malhado [várias cores]), não dizem que têm significância especial, mas as cores dos cavalos no Apocalipse parece corresponder às características das atividades dos cavaleiros: conquistas (branco), carnificina (vermelho), fome (preto), morte (pálido, cinza, esverdeado); quarto, o cavaleiro em Zacarias é enviado para avaliar a situação na terra, enquanto no Apocalipse sua liberação traz desastres à ela; quinto, os cavaleiros em Zacarias são claramente agentes divinos, como indica o fato de que um deles (o cavaleiro do cavalo vermelho) é o anjo do Senhor, mas os cavaleiros no Ap 6 são instrumentos dos poderes malignos, “perversos”.⁴

Podemos perceber que as funções e as cores em Ap e Zc não correspondem, mas é difícil imaginar o autor de Ap 6,1-8 escrevendo sem ter as duas visões de Zacarias presentes ao espírito.⁵

O cavalo branco

Vi quando o Cordeiro abriu o primeiro dos sete selos, e ouvi o primeiro dos quatro Seres Vivos dizer como estrondo dum trovão: “Vem!” Vi então aparecer um cavalo branco, cujo montador tinha um arco. Deram-lhe uma coroa e ele partiu, vencedor e para vencer ainda (Ap 6,1- 2).

Segundo Pablo Richard, a cor branca e a coroa são sinais de vitória.⁶ Então, o primeiro cavaleiro é um vencedor pela cor branca do cavalo, pela coroa que traz à cabeça e porque “marcha vitorioso para vencer”. O arco – arma que atinge um alvo longínquo – entregue ao cavaleiro evoca o freqüente tema do arco e das flechas de Deus no Antigo Testamento, isto é, seus julgamentos e seus castigos (cf. Dt 32,41-42; Hc 3,8-9; Lm 2,4). A chave para o significado do arco e da coroa do cavaleiro possivelmente esteja nos instrumentos de guerra. O cavaleiro é um guerreiro e tem um arco, símbolo potencial de guerra, arma típica de um povo bárbaro (possivelmente os partos,⁷ situados a leste do Império) famoso por sua agilidade como cavaleiros

⁴ WONG, Daniel, K. K. The First Horseman of Revelation 6. In: *Bibliotheca Sacra* 153 (1996): 218.

⁵ PRIGENT, P. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 129.

⁶ Cf. RICHARD, Pablo. *Apocalipse: Reconstrução da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1999.

⁷ Os partos foram um povo hostil no sudeste da Ásia do Mar Cáspio, onde hoje é o Irã. Eles venceram várias batalhas significativas no ano 53 a.C. e 35 a.C. e em outros tempos derrotaram os romanos no Rio Tigre, em 62 d.C.

e hábeis no uso de arcos e flechas.⁸ De acordo com Prigent, o texto de Ez 5,16-17 merece uma atenção especial:

Primeiramente, as flechas de Javé são ali associadas intimamente à fome, à peste e à espada, e igualmente aos animais ferozes. Em segundo lugar, essas flechas não são evidentemente, um flagelo especial. Nas duas passagens temos o mesmo símbolo do arco (as flechas) ligado às mesmas calamidades: a guerra, a fome, a peste. Em ambas as passagens, as flechas não podem ser consideradas como uma calamidade que coincidirá com estas últimas.⁹

Somos tentados a identificar o cavalo e o cavaleiro de 6, 2 com o que aparece em 19,11:

Vi então o céu aberto: eis que apareceu um cavalo branco, cujo montador se chama “Fiel” e “Verdadeiro”, ele julga e combate com justiça. Seus olhos são chama de fogo; sobre sua cabeça há muitos diademas e traz escrito um nome que ninguém conhece, exceto ele; veste um manto embebido de sangue e o nome com que é chamado é Verbo de Deus. Os exércitos do céu acompanham-no em cavalos brancos, vestidos com linho de brancura resplandecente. Da sua boca sai uma espada afiada para com ela ferir nações. Ele é quem as apascentará com um cetro de ferro. Ele é quem pisa no lagar do vinho do furor da ira de Deus, o todo poderoso. Um nome está escrito sobre seu manto e sobre sua coxa: Rei dos Reis e Senhor dos senhores (Ap 19,11-16).

A opinião de que o cavaleiro do cavalo branco em Ap 6, 1-2 seja Cristo é popular, determinavelmente do tempo de Irineu (202 d.C.), passando por Albert Magno (1.200 d.C.) e muitos outros até o presente, escritores católicos e protestantes, não milenaristas, pós-milenaristas e alguns dispensacionalistas.¹⁰

As razões pelas quais o cavaleiro do cavalo branco representaria Jesus Cristo são as seguintes: em primeiro lugar, o cavalo é branco. Esta cor é sempre associada com o que é sagrado e celestial (Ap 1,14; 2,17; 3,4; 5,18). A vista disto, o cavaleiro sobre o cavalo não representa o anticristo. Em segundo lugar, o cavaleiro recebe uma coroa, o que está em concordância com Ap 14,14, cujo texto refere-se ao Cristo usando uma coroa. Terceiro, o cavaleiro sai para “vencer!” (conquistar) e no Apocalipse o verbo *nikal*¹¹, “vencer” (conquistar), ocorre normalmente para referências a Cristo e seus seguidores (3,21; 17,14; 21,7). Em quarto, o cavaleiro do cavalo branco em 19,11-16 claramente se refere a Jesus Cristo. Se o Apocalipse permite explicar o próprio simbolismo, ele teria que admitir que o cavaleiro em 6,2 se trata da mesma pessoa. Quinto, a visão coaduna com

⁸ HODGES, Z. C. The First Horseman of the Apocalypse. In: *Bibliotheca Sacra* 119 (1962): 313-314.

⁹ PRIGENT, p. 130; RISSI, M. The Rider on the Horse: a Study of Revelation 6,1-8. In: *Interpretation* 18 (1964): 413-418

¹⁰ HODGES, pp. 324-334.

¹¹ Verbo intransitivo *nike*: vencer, levar à vitória. Cf. RUSCONI, Carlo *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 319.

as imagens de Zacarias 1,8-10 e 6,1-8, que se refere aos cavaleiros e carruagens como instrumentos divinos do julgamento dos inimigos dos povos de Deus. Além do mais, em Zacarias 1,8-12 um dos cavaleiros é o anjo do Senhor. Se o primeiro cavaleiro do Apocalipse é também Cristo, uma conexão entre as duas profecias torna-se aparente. Finalmente, no Salmo 45, 3-5 um cavaleiro está equipado com arco e está cavalgando prosperamente para frente.¹²

Mas segundo D. Wong, apelar ao Salmo 45 para apoiar a opinião de que o cavaleiro em Apocalipse 6,2 seja Cristo é inapropriado por dois motivos. Como primeiro deles, os temas e estrutura geral dos dois relatos diferem. O Sl 45 é uma canção de celebração pelo casamento do rei, inicia-se com louvor ao noivo real por todo seu esplendor, majestade e justiça (45,1-9), continua com um relato do conselho que foi dado à noiva antes que ela fosse trazida ao palácio (45,10-15) e conclui com a lembrança eterna do nome do rei através da sua descendência (45,16-17). Ap 6 é muito diferente, retratando julgamento e destruição no período da tribulação. Começa com conquista violenta (vv. 1-2), continua com derramamento de sangue, fome, morte e martírio (vv. 3-11) e conclui com convulsões terrestres e celestiais (vv. 12-17). Estas diferenças entre os dois relatos tornam a identificação do primeiro cavaleiro com o Messias improvável. Segundo, é verdade que o Salmo 45, 6-7 é messiânico e refere-se à promessa de um trono eterno para a casa de Davi (2Sm 7,16), que será cumprida em Jesus Cristo, quando ele voltar para reinar para sempre. Esta profecia também pode se relacionar com Ap 19-20, que afirma que Cristo vai retornar vitoriosamente para a terra, a fim de destruir seus inimigos, formar seu reino e reinar como o rei messiânico por mil anos (20. 6).¹³

Esta consideração, no entanto, não dá apoio à interpretação de que o primeiro cavaleiro em Ap 6 seja Cristo. Pelo contrário, argumenta contra ela, porque os cavaleiros de Ap 6 e 19 são diferentes. Primeiramente, a idéia principal em 6,2 é de conquista, enquanto em 19,11-16 é de retribuição justa. Em segundo lugar, o cavaleiro em 6,2 é anônimo e representado como cavalgando sozinho. Já em 19,11 ele tem um nome, “Fiel e Verdadeiro”, e é seguido por um exército do céu em cavalos brancos (19,14). Terceiro, o cavaleiro em 6,2 carrega um arco, enquanto em 19,11 tem uma espada afiada saindo de sua boca (vv.15). Quarto, o cavaleiro em 6,2 usa uma coroa de louros (*Stéphanos*), enquanto em 19,12 usa muitos diademas (*diadématas*) em majestade suprema. Quinto, o cavaleiro em 6,2 é seguido por outros cavaleiros que trazem

¹² Cf. WONG, pp. 214-217; BLOMFIELD, Arthur E. *As Profecias do Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 1996, p. 120.

¹³ Cf. WONG, p. 219.

guerra, fome e morte (vv. 4.6.8), o que não acontece em 19,11. Sua vinda a terra trará o fim do período de tribulações e um milênio de liberdade, conduzindo um Estado Eterno (vv.21-22).¹⁴

É verdade que a idéia do trono e do Cristo vitorioso está presente tanto no Sl 45 quanto em Ap 5 e a descrição dos cavaleiros é similar no Sl 45 e Ap 6. Mas estes fatos ainda não provam que o primeiro cavaleiro em Ap 6 seja o Cristo. Por quê? (i) É difícil conceber Cristo vindo em resposta ao chamado de um dos quatro Seres Videntes, uma vez que ele recém recebeu seu louvor (5,8). (ii) O paralelismo com os outros três cavalos, que são instrumentos não-divinos de destruição, torna a identificação do primeiro cavaleiro com o Cristo improvável. (iii) Cristo abre o selo no céu para que este cavaleiro receba a permissão de cavalgar na terra. Isto nega a possibilidade dele também ser o cavaleiro revelado pelo rompimento do selo.¹⁵

A respeito destes argumentos ou destas objeções, encontramos ainda mais problemas. Uma dificuldade com o primeiro argumento é de que o branco não precisa sempre representar o sagrado, o divino. O cavalo branco pode simplesmente sugerir liderança, já que os líderes militares da antiguidade algumas vezes montavam cavalos brancos. O segundo argumento é inconclusivo, porque *coroa* no Apocalipse é vista tanto no Reino de Cristo como também de seus antagonistas (9,7-8; 12,3; 13,1). Enquanto é verdade que a vitória normalmente caracteriza o Cristo (3,21; 5,5; 17,14) e seus seguidores (2,7; 11), isto não determina a identidade do cavaleiro aqui, já que *nikau* (vencer) no Apocalipse é usado para o anticristo também (11,7; 13,7).¹⁶

Então, é um tanto estranho quebrar a unidade dos selos em Ap 6,1-8 e incluir o Cristo nos demais, que são de juízo, e imaginar que aquele que rompe os selos é o mesmo que aparece montado no primeiro deles. Não basta a cor branca para a identificação, porque à Besta também se dá poder para vencer (11,7;13,7). Não estaria o autor insinuando um paralelo (ele o faz várias vezes no livro) com o verdadeiro vencedor e juiz da história que surgirá no cap. 19? Até este momento é possível haver outros vencedores, mas a vitória no capítulo 19 é do Cristo.¹⁷

A identidade do cavalo branco e de seu cavaleiro tem sido objeto de muita discussão. Para Corsini, este cavaleiro descreve a humanidade em sua perfeição. Phillips alega que o cavaleiro representa as blasfêmias filosóficas dos últimos dias. Robbins o vê como a presença espiritual do demônio. Medill acredita que ele simboliza as histórias sangrentas vitoriosas do rei da França,

¹⁴ Cf. WONG, pp. 214-217; HODGES, p. 328.

¹⁵ Cf. WONG, pp. 214-217.

¹⁶ Idem.

¹⁷ ARENS & MATEOS, p. 187.

vencendo o imperador. Pardini o tem como “a personificação do julgamento do Senhor”. Draper o vê como representante de Enoch. Boll propõe uma influência astrológica e liga o primeiro dos quatro cavaleiros com especulações zodiacas.¹⁸

Adolf Pohl e Warren Wiersbe interpretaram o cavalo branco e seu cavaleiro como sendo o anticristo. O argumento é que o Apocalipse usa imagens duplas para fazer contrastes – duas mulheres: a mulher e a prostituta; duas cidades: Jerusalém celeste e Babilônia; dois personagens sacrificados: o Cordeiro e a besta. Assim, o anticristo estava se contrapondo ao Cristo. Desta forma, o cavalo branco seria uma inocência encenada, fingida, de uma luz falsa: o anticristo é um deslumbrador. O anticristo apresenta-se como um pacificador. Ele terá estupendas vitórias. Ele será aclamado como invencível. Ele controlará o mundo inteiro. O senhorio do Cordeiro é que impele o anticristo a deixar sua posição de reserva para que se manifeste. O diabo gosta de esconder-se. O lobo predador precisa ser despido de sua pele de ovelha.¹⁹

William Barclay interpreta o cavalo branco como as conquistas militares, as do Império Romano e as de outros impérios que se levantaram depois dele. O cavalo branco era usado pelo rei vencedor e o arco, um símbolo do poderio militar. Uma conquista militar sempre traz tragédias. Nesta mesma linha de pensamento, Edward Mc Dowell afirma que o cavalo branco representa todo indivíduo que se empenha em conquistar o mundo.²⁰

Simon Kistemaker e George Ladd interpretaram o cavalo branco como sendo a pregação do evangelho em dimensões universais. Mesmo em meio às terríveis perseguições, o Evangelho tem sido pregado e será pregado vitoriosamente no mundo inteiro para testemunho a todas as nações (Mt 24,14). Sem escolas, os cristãos confundiram os letrados rabinos. Sem poder político ou social, mostraram-se mais fortes que o Sinédrio. Não tendo um sacerdócio, desafiaram os sacerdotes e o Templo. Sem um soldado sequer, foram mais poderosos que as legiões romanas. E foi assim que fincaram a cruz acima da águia romana.²¹

O cavalo vermelho

¹⁸ Cf. WONG, pp. 212-213.

¹⁹ Cf. POHL, Adolf. *Apocalipse de João*. Vol. 1. Curitiba: Cultura Cristã, 2001, p. 173; WIERSBE, Warren. *The Bible Expository Commentary*. Vol. 2. Colorado: Chariot Victor Publishing, 1989, p. 587.

²⁰ Cf. BARCLAY, William. *Apocalipsis*. Buenos Aires: La Aurora, 1975, p. 223.

²¹ Cf. KISTEMAKER, Simon. *Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, pp. 290-291; LADD, George. *Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 1980, p. 75.

Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo Ser vivo dizer: “Vem!” Apareceu então outro cavalo, vermelho, e ao seu montador foi concedido o poder de tirar a paz da terra, para que os homens se matassem entre si. Entregaram-lhe também uma grande espada (Ap 6,3-4).

O segundo cavaleiro (vermelho-fogo), por todos os símbolos que o acompanham, significa nitidamente a guerra, destruição e a violência na história. Sua missão é tirar a paz da terra: “ao que o montava foi dado o poder de tirar a paz da terra, para que se matassem uns aos outros” (6,4). É o flagelo da guerra, segundo Corsini. A guerra é o fundamento sanguíneo sobre o qual se levanta um determinado poder político, iníquo e opressor.²² A cor vermelha do cavalo adapta-se ao contexto. Segundo Is 27,1; 34,3-8, Deus castigará as nações com sua “enorme espada”. As forças do mal agem de comum acordo.²³

Não há certeza de que a escolha do adjetivo responda a uma intenção (o fogo das destruições guerreiras). Com efeito, o texto grego de Zc não sabe traduzir de outra forma a cor fulva da túnica dos alazões. Os detalhes posteriores eliminam toda ambigüidade, com toda a solenidade dos verbos no passivo²⁴ dentro da melhor tradição apocalíptica, especifica-se que esta segunda aparição personifica ou simboliza o negócio escandaloso e assassino do armamentismo, a guerra em todos os seus aspectos e com todas as suas conseqüências.²⁵

Um paralelo bastante direto encontra-se no apocalipse sinótico (Mc 13,8; cf. também Mc 13,12). Semelhantes conflitos fazem tradicionalmente parte dos sinais precursores da era messiânica.

O aspecto do cavaleiro não é descrito, mas o emblema que ele carrega, “uma grande espada” (cf. 6,4), leva-nos aos mesmos horizontes. Desde o Antigo Testamento fala-se de uma espada escatológica com a qual Iahweh atingirá o Leviatã (Is 27,1) ou Edom (IS 34,5). Mais tarde, nos apocalipses do judaísmo tardio, volta-se a encontrar esta espada nas mãos dos filhos de Israel, tirando finalmente vingança dos inimigos deles (En 90,19.34; 91,12). A imagem pode, porém, conotar o incitamento divino que leva os infieis a se matarem entre si (cf. En 88,2).

O cavalo preto

Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro Ser vivo dizer: “Vem!” Eis que apareceu um cavalo negro, cujo montador tinha na mão uma balança. Ouvi

²² CORSINI, p. 154

²³ ARENS & MATEOS, p. 188.

²⁴ CHARLES, R. H. *Revelation: a Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. Vol. 1. New York: Charles Scribner's Sons, 1920 (International Critical Commentary), p. 159.

²⁵ ARENS & MATEOS, p. 123.

então uma voz, vinda do meio dos quatro Seres vivos, que dizia: “Um litro de trigo por um denário e três litros de cevada por um denário! Quanto ao óleo e o vinho, não causes prejuízo (Ap 6,5-6).

O terceiro cavaleiro representa pobreza, opressão e exploração, fome, mas a fome provocada, planejada.²⁶ Fome e guerra andam juntas.²⁷ Por isso o cavaleiro carrega uma balança como instrumento que serve para medir e controlar. Com razão este selo foi chamado de “símbolo da injustiça social”. João teria se inspirado em Joel 1,10-12, onde se lê que “mesmo a alegria dos homens acabou” pela destruição e pela fome? Não é impossível. A cor preta denota fatalidade. Em meio aos quatro animais ergue-se uma voz (de espanto, de protesto?) anunciando o preço do trigo e da cevada, produtos básicos para alimentar o povo. Um denário era o salário por um dia inteiro de trabalho, o que é suficiente para apenas um homem por um dia. São necessários valores oito vezes maiores do que os determinados pelo senado romano e dezesseis vezes o preço do trigo na Sicília. A lei para que não se tocasse no azeite e no vinho (v.6), produtos muito valorizados segundo alguns comentaristas, refere-se a um decreto de Domiciano do ano 92 para as províncias da Ásia Menor, mandando que se eliminasse “pelo menos a metade dos vinhedos” para substituí-los por plantações de trigo e cevada – decreto que logo revogou para que evitasse uma revolta dos agricultores.²⁸

Segundo Adolf Pohl, comer pão pesado representa grande escassez. Há trigo, mas o preço está muito alto.²⁹ Há uma inflação terrível que afeta os produtos de consumo popular e que provoca fome na população pobre. Ao contrário, o preço dos produtos de luxo, azeite e vinho, não sofre alteração.³⁰

A balança que o terceiro cavaleiro segura levou F. Boll³¹ a tentar, também para esta passagem, uma interpretação astral. Os quatro cavaleiros seriam quatro das constelações zodiacais. A terceira identifica-se imediatamente com a Balança. Este fundo astrológico, que pode muito bem ter sido herdado inconscientemente pelo autor, permitiria explicar a proclamação misteriosa contida no v.6. G. Baldensperger cita o provérbio: “Se tropejar no mês da Balança, haverá falta de trigo, mas vinho e azeite em abundância”. Infelizmente não é este o símbolo do v. 6: ele não

²⁶ ARENS & MATEOS, p. 123.

²⁷ WIERSBE, p. 588.

²⁸ Cf. ARENS & MATEOS, p. 188.

²⁹ POHL, p. 173.

³⁰ RICHARD, p. 124.

³¹ *Aus der Offenbarung Johannis. Hellenistische Studien Ziem Weltbild der Apokalypse* (Leipzig-Berlin, 1914, reimpressão Amsterdã, 1967, p. 85ss), citado em PRIGENT, p. 131.

promete uma abundância de vinho e de azeite; apenas assegura que estes produtos serão poupados pelo flagelo.³²

De acordo com Prigent, é melhor ficar com uma explicação mais tradicional e ao mesmo tempo mais evidente. Esta terceira figura personifica o racionamento ou a fome. E é e bem isto que significa a primeira frase, que sobe do meio dos quatro animais: a *chóinix* (medida) equivale aproximadamente a um litro (1,0791). Os dicionários trazem vários textos que empregam a palavra no sentido de ração cotidiana no que concerne ao trigo. Sabe-se, por outra fonte, que o denário representava mais ou menos o salário de uma jornada de trabalho para um trabalhador agrícola (cf. Mt 20,2).³³

Finalmente, um texto de Cícero permite fazer uma idéia das cotações do trigo na Sicília (aliás, o valor do trigo era o dobro do da cevada. Segundo Ap 6,6, a relação é de 1 para 3): daí resulta que o preço apresentado pelo nosso texto representa 16 vezes o preço mínimo e 8 vezes o preço máximo praticado na Sicília na época de Cícero (século I a.C.). Ap 6,6 anuncia, portanto, preços excepcionais, cotações anormalmente altas, tais como podem ocorrer em tempo de grande penúria. Vale à pena insistir: não se trata da fome, mas de uma situação bem pouco menos grave. É o equivalente, um pouco atenuado, de um item bastante tradicional dos apocalipses que profetizam a fome.³⁴

O cavalo esverdeado

Quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto Ser Vivo que dizia: “Vem!” Vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu montador chamava-se “a Morte” e o Hades o acompanhava. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da terra, para que exterminasse pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras da terra (Ap 6,7-8).

Este nos parece o mais amedrontador dos quatro selos e também o mais enigmático. Em vez de identificar o quarto cavaleiro mediante algum emblema, reconhece-se pelo seu nome, “a morte (ou peste)”. Segue-o uma personagem simbólica: “o Hades” (morada dos mortos). Sua cor esverdeada simboliza a morte (cor de defunto, marca da peste). Este é uma espécie de síntese dos anteriores e o resultado deles (notar a passagem para o plural no v. 8b: “foi lhes dado o poder...”). O autor parece ter se inspirado em Ez 5,16-17 ou 14,21, em que se mencionam também a fome,

³² RISSI, p. 409. Estas reticências aumentam ainda mais quando se constata que o texto do único provérbio grego que Baldensperger é capaz de aduzir está ainda mais longe do de Ap 6,6: “O ano da Balança é a ruína dos cereais, mas é a abundância dos produtos da vinha”.

³³ PRIGENT, p. 132.

³⁴ Idem.

a peste, a espada e as feras selvagens: o reino da morte. É bom observar o contraste entre o primeiro cavaleiro, “nascido para vencer” (vv.2), e o quarto, com o nome emblemático de “Morte” (v.8). Quem sabe se queria indicar o modo próprio de vencer matando (“foi-lhes dado o poder de matar”, v.8).³⁵

O sentido primeiro do adjetivo *chlorós*,³⁶ o único que está atestado no Antigo Testamento grego e no Novo Testamento, é de “verde”. No máximo pode-se observar que a palavra conota antes a idéia da vida vegetal do que a cor considerada em si mesma. Isto não facilita em nada a explicação do detalhe na nossa visão. Para Charles, trata-se de uma tradução de uma das palavras empregadas por Zacarias na visão dos cavalos. Tudo isto é bem sutil. O que é uma pena, pois como vimos, o recurso a Zacarias explicava a cor dos três outros cavalos.³⁷

Ao passarmos do cavalo para o cavaleiro, deparamo-nos com uma nova dificuldade: seu nome é a morte e o Hades o segue. Portanto, são dois. Sem esperar das visões apocalípticas uma coerência perfeita, há razões para surpreender-se com este desdobramento insólito. Segundo Hernandes D. Lopes, a morte usa quatro instrumentos para sacrificar suas vítimas, a saber, a espada (que no caso não é *machaira*, mas *rhomphaira*, espada comprida usada para guerra. Aqui se trata da morte provocada pela guerra); a fome como subproduto da guerra, cidades sitiadas, falta de transporte com alimentos; pestilência ou mortandades, as pragas crescem com a pobreza, a fome e as guerras; as bestas feras da terra, que devoram tudo que encontram.³⁸

Talvez o final do v.8 permita explicar o binômio Morte/Hades: encontra-se aí, na forma de uma alusão a Ez 14,21 (confere também Ez 5,12), um resumo que recorda a ação dos cavaleiros. Ezequiel anuncia a punição de Deus sob a quádrupla forma de escada, fome, animais selvagens e peste (*thánatos*). É possível que a enumeração de 6,8 se inspire aí: espada, fome, morte e feras selvagens. Como não reconhecer uma alusão recapituladora ao segundo (espada), ao terceiro (fome) e ao quarto cavaleiro (morte)? Restam os animais selvagens, que devem corresponder ao Hades (morada dos mortos).

Analisando então os quatro cavalos e quatro cavaleiros, percebemos que seria complicado avaliar cada cavalo separadamente, pois as características nos parecem sequenciais e, antes de tudo,

³⁵ ARENS & MATEOS, p. 189.

³⁶ Conforme nos informam os dicionários, *chlorós* também pode significar doença, susto. Daí a tradução “pálido”, “lívido”.

³⁷ PRIGENT, pp. 133-134.

³⁸ LOPES, Hernandes D. *Apocalipse: o Futuro Chegou, as Coisas que em Breve Devem Acontecer*. São Paulo: Cultura Cristã, 2005, 178p.

militares, talvez decorrentes de uma excessiva idéia de violência e de guerra presentes no Apocalipse de João.³⁹ Aqui esta idéia já está implícita no próprio símbolo que o cavalo traz: o primeiro cavaleiro abre o ciclo trazendo o arco (símbolo potencial de guerra) e a coroa (símbolo de vitória). Embora seja descrito com feições positivas, parece ser o cavaleiro mortífero que sai para vencer. O segundo cavaleiro avança um pouco mais trazendo uma grande espada com a missão de tirar a paz da terra para que os homens se matem entre si. O terceiro cavaleiro vem trazendo uma balança com intuito de pesar e controlar. Com ele vêm fome, opressão, exploração e pobreza, frutos da violência e da guerra. O quarto cavaleiro encerra o ciclo, pois ao invés de se identificar mediante algum emblema como os três anteriores, é reconhecido pelo seu nome, “a Morte”, e vem seguida de uma personagem simbólica, “o Hades”(morada dos mortos). Embora os quatro cavaleiros constituam uma unidade, a abertura do quinto selo (perseguição e o sofrimento dos eleitos) liga-se intimamente a eles como consequência de um mundo marcado pela violência e pela guerra. Nele estão presentes as vítimas desencadeadas pelos quatro cavaleiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Roy Allan. *Revelações do Apocalipse*. Trad. Carlos A. Trezza. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Diaz. *O Apocalipse, a força da Esperança: Estudo, Leitura e Comentário*. São Paulo: Loyola, 2004.

BARCLAY, William. *Apocalipsis*. Buenos Aires: La Aurora, 1975.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2004.

CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol 2. New York: Doubleday, 1985.

CHARLES, R.H. *The Revelation of Saint John*. Vol. 2. New York: Charles Scribner's Sons, 1920.

CHARLES R. H. *Revelation: a Critical and Exegetical Commentary on the Revelation of St. John*. Vol. 1. New York: Charles Scribner's Sons, 1920 (International Critical Commentary).

CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. Trad. Ivo Storniolo e Carlos Vido. São Paulo: Paulinas, 1984.

HENDRIKSEN, William. *Mais que Vencedores: Interpretação do Livro do Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 1987.

³⁹ Para imagem da violência no Apocalipse de João, sugiro a leitura do cap. 9 de NOGUEIRA, Paulo A. S. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003, pp. 221-238.

HODGES, Zane C. The First Horseman of the Apocalypse. In: *Bibliotheca Sacra* 119 (1962): 324-334.

HUGH, S. Pyper. Reading, in the Dark: Zechariah, Daniel and the Difficulty of Scripture. In: *Journal for the Old Testament* 29.4 (2005): 484-504.

LOPES, Hernandes Dias. *Apocalipse: o Futuro Chegou. As Coisas que em Breve Devem Acontecer*. São Paulo: Hagnos, 2005.

KISTEMAKER, Simon. *Apocalipse*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

LADD, George. *Apocalipse – Introdução e Comentário*. São Paulo: Cultura Cristã, 1980.

LLOYD-JONES, Martyn. *A Igreja e as Últimas Coisas*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

MACHO, Alejandro Diez. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Tomo IV - Ciclo de Henoc. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.

MACHO, Alejandro Diez. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Tomo I. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Experiência Religiosa e Crítica Social no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Loyola, 1993.

RICHARD, Pablo. *Apocalipse, Reconstrução da esperança*. Trad. Atílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1999.

RISSI, Mathias. The Rider on the White Horse: a Study of Revelation 6,1-8. In: *Interpretation* 18 (1964): 407-418.

RODRIGUES, Cláudio J. A. (trad.). *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Editora Cristã Novo Século Ltda, 2004.

RUSCONI Carlo, *Dicionário do Grego do Novo Testamento*, Paulus, São Paulo, 2003.

WIERSBE, Warren. *The Bible Expository Commentary*. Vol. 2. Colorado Springs: Chariot Victor Publishing, 1989.

WONG Daniel K. K. The First Horseman of Revelation 6,1-8. In: *Bibliotheca Sacra* 153 (1996): 214-217.